

ESTRATÉGIAS DE ENSINO- APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA NO CONTEXTO DA GERONTOLOGIA

ESTRATEGIAS DE ENSEÑANZA- APRENDIZAJE DE LENGUA EXTRANJERA EN EL CONTEXTO DE LA GERONTOLOGÍA

Michele Silva Costa Sousa 1
Diego Neves de Sousa 2

Resumo: As estratégias de ensino-aprendizagem de língua estrangeira no contexto da gerontologia em Universidades da Maturidade ainda é incipiente no país. Decorrente disso buscou-se realizar uma revisão bibliométrica para analisar os estudos publicados entre 2014 a 2018 sobre as temáticas: ensino-aprendizagem, língua estrangeira e gerontologia, os quais foram os strings de busca no Google Acadêmico. Entre os resultados dos estudos mapeados é que reconhecem no fator afetividade um elemento motivador do processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira para o contexto da gerontologia e que os docentes recorrem a aplicação da abordagem comunicativa.
Palavras-chave: Idosos. Estudo bibliométrico. Ensino de línguas.

Resumen: Las estrategias de enseñanza-aprendizaje de lengua extranjera en el contexto de la gerontología en Universidades de la Madurez todavía es incipiente en el país. En consecuencia, se buscó realizar una revisión bibliométrica para analizar los estudios publicados entre 2014 a 2018 sobre las temáticas: enseñanza-aprendizaje, lengua extranjera y gerontología, que fueron las cadenas de búsqueda en Google Académico. Entre los resultados de los estudios mapeados es que reconocen en el factor afectividad un elemento motivador del proceso de enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera para el contexto de la gerontología y que los docentes recurren a la aplicación del enfoque comunicativo.
Palabras clave: Ancianos. Estudio bibliométrico. Enseñanza de idiomas.

Licenciada em Letras-Espanhol (Unimontes), Mestranda em Letras (UFT). Técnica de nível superior da UFT. E-mail: michele2_sc@yahoo.com.br 1

Gestor de Cooperativas (UFV), mestre em Extensão Rural (UFV), Doutorando em Desenvolvimento Rural (UFRGS). Analista da Embrapa Pesca e Aquicultura. E-mail: diego.sousa@embrapa.br 2

Introdução

O rápido crescimento da população idosa no Brasil surpreendeu todas as esferas de governo que descobrem-se despreparadas para acolher as mais diversas demandas decorrentes do aumento cada vez mais substancial da longevidade deste grupo populacional.

Conforme explana Fogaça (2005), todas as idades possuem seus limites, seus ganhos e suas perdas; o importante para o indivíduo é aceitar-se e adequar-se à fase em que se encontra com seus respectivos limites físicos, psíquicos e sociais. Para que a velhice tenha uma representação social positiva é necessário que se desenvolvam ações voltadas para esse público, a fim de conferir ressignificação à existência dos indivíduos para que esses transponham as barreiras conferidas pela idade e vivam essa fase com autonomia.

A importância das instituições de ensino, como as Universidades da Maturidade, para pessoas idosas é uma das variáveis que favorecem a longevidade por meio da educação não formal que são determinantes para a qualidade de vida deste público. Além da formação, tais instituições oportunizam a socialização, atividades intergeracionais e o resgate da auto-estima, o afeto, as emoções e a predisposição do idoso em viver sua vida de forma amena e em interação com a sociedade.

Em relação aos estudos sobre as estratégias de ensino-aprendizagem de língua estrangeira no contexto da gerontologia em Universidades da Maturidade ainda é incipiente no país. Por outro lado, verifica-se que, no campo da linguística aplicada¹, a pesquisa na área do ensino de línguas estrangeiras na terceira idade tem se constituído numa potencial área de investigação devido aos poucos trabalhos já publicados. Sobretudo, há indícios de que o estímulo da memória através da aquisição de uma segunda língua na terceira idade é benéfico para o idoso (SOUSA, 2014).

Neste contexto, para o processo de ensino-aprendizado para ser satisfatório é necessário entender a aprendizagem como um ato contínuo que se estende ao longo do ciclo de vida do ser humano (Valente, 2001). Para Jarvis (2013, p.35-36) a aprendizagem humana

é a combinação de processos ao longo da vida, pelos quais a pessoa inteira – corpo (genético, físico, biológico) e mente (conhecimento, habilidades, atitudes, valores, emoções, crenças e sentidos) – experiência as situações sociais cujo conteúdo percebido é transformado no sentido cognitivo, emotivo ou prático (ou por qualquer combinação) e integrado à biografia individual da pessoa, resultando em uma pessoa continuamente em mudança (ou mais experienciada).

Oxford (1990) destaca a importância de desenvolver estratégias de ensino-aprendizagem, uma vez que possibilitam aos discentes ações específicas para tornar a aprendizagem mais fácil, mais rápida, mais prazerosa, mais auto-direcionada, mais efetiva e mais facilmente aplicável a situações novas, numa perspectiva de buscar maior autonomia e independência. No caso dos idosos, apesar das degenerências, sejam cognitivas, de ordem física ou psicológica, muitas experiências têm demonstrado que esse público têm plenas condições de se manterem ativos e em pleno funcionamento na sociedade (CONCEIÇÃO, 2005).

Esse processo de reinserção do idoso em instituições da maturidade, conforme estudo de Rufino (2012), constatou que a partir de práticas educativas pode haver modificações de atitudes, comportamentos e opiniões neste específico grupo. Neste sentido, os autores Lima, Rezende e Rezende (2009) entendem que os grupos de convivência possibilitam aos gerontes uma reinserção de férteis espaços para o lazer, entretenimento e mesmo a construção da cidadania consciente, configurando-se como fortes aliados para a educação.

A introdução de língua estrangeira em universidades da maturidade, como explana Bella (2007), surge como um dos veículos que pode promover o bem estar e manter as capacidades dos idosos em níveis normais de funcionamento e desenvolvimento. A autora relata ainda que o

¹ Uma área de investigação aplicada, mediadora, interdisciplinar, centrada na solução de problemas de uso da linguagem, que tem foco na linguagem de natureza processual, que colabora com o avanço do conhecimento teórico, e que utiliza métodos de investigação de natureza positivista e interpretativista (MOITA LOPES, 2002).

principal motivo do idoso para se matricular em algum curso de idiomas está relacionado ao desejo de auto-afirmação e auto-realização como pessoas. “O aluno idoso não tem pressa, já correu demais durante a juventude, agora, prefere andar com calma, aproveitando e assimilando ao máximo cada experiência vivida, cada dia é um presente e equivale a uma iguaria a ser saboreada com prazer” (BELLA, 2007, p. 65).

Presencia-se atualmente metodologias incipientes no ensino de língua estrangeira no qual diferentes situações de ensino-aprendizagem são dadas da mesma forma, não verificando as especificidades de cada público (COSTA e SOUSA, 2016).

O uso de estratégias de aprendizagem na construção do processo de aprendizagem de língua estrangeira entre pessoas de uma faixa etária mais avançada pode apresentar características próprias, diversas daquelas apresentadas por indivíduos mais jovens, dado às questões sociais, psicológicas e afetivas que envolvem o indivíduo da terceira idade (Conceição, 2005, p.97).

Neste intento, Boianoski e Fernandes (2006), explicam que o ensino-aprendizagem para os idosos implica no desenvolvimento de metodologia específica para atender aos seus anseios, ao buscar temáticas de interesse para esse público. Além disso, indica que os professores tenha um cuidado nas atividades que envolvam a oralidade, levando-se em conta a diminuição da acuidade auditiva, o incômodo ao se expor diante de uma habilidade que não domina, a tendência do uso do português nas discussões em grupo, o interesse pela tarefa de casa e, principalmente, de reconhecer no fator afetividade um elemento motivador do processo de ensino-aprendizagem.

Dentre as metodologias destaca-se a abordagem comunicativa. A dimensão comunicativa no ensino de língua estrangeira organiza as experiências em termos de atividades de real interesse e/ou de necessidades do discente para que se capacite a usar a língua escolhida como forma de interagir com outros atores falantes. Uma vez que esse tipo de ensino-aprendizagem não toma as formas da língua descritas nas gramáticas como modelo suficiente para organizar as experiências de aprender outra língua, entretanto não descarta a possibilidade de criar em sala de aula momentos de explicitar regras e práticas tradicionais de ensino da gramática (ALMEIDA FILHO, 1993).

Metodologia

Nesta revisão bibliométrica foi elaborado um protocolo de coleta de dados no qual definiu-se três palavras-chave de busca a fim de mapear os trabalhos científicos que foram publicados entre 2014 a 2018. Os *strings* selecionados na plataforma do Google Acadêmico² foram: ensino-aprendizagem, língua estrangeira e gerontologia.

Num primeiro momento foram identificados 298 trabalhos. Entretanto, a maioria não discutia simultaneamente os três temas. Para isso, foi feita uma análise preliminar com a leitura do resumo dos trabalhos para a devida exclusão, sendo que a maioria tinham foco na Educação de Jovens e Adultos, ou tratavam-se de estudos com idosos mas sem retratar o ensino de língua estrangeira.

Após esta fase foram selecionados oito trabalhos, sendo três dissertações, um TCC, três artigos em revista científica e um artigo em anais de evento. Para se chegar a este número foram excluídos trabalhos que se repetiram na busca e que não se referiram a proposta desta revisão bibliométrica de articular simultaneamente as três temáticas.

Idosos nas Universidades da Maturidade

Nas últimas décadas diante do significativo aumento do número de idosos tanto no Brasil

² A escolha da base de dados Google Acadêmico é devido ao fato de ser uma das mais completas que estão depositadas revistas científicas indexadas brasileiras e internacionais e que passam por avaliação periódica realizada por um comitê para a cessão de nota qualis, dada de acordo com a classificação nas grandes áreas de conhecimento da Coordenação de Apoio Pessoal de Nível Superior (CAPES).

quanto em outros países do mundo, além da crescente expectativa sobre a velhice permitiu novas possibilidades e desafios a sociedade que aparentemente tem se preparando ou se adequando para tal realidade. Assim, possibilitou o interesse de pesquisas em diversas áreas do conhecimento científico acerca do processo de envelhecimento e suas inter-relações.

Com a finalidade de regulamentar a vida dos idosos assegurando seus direitos sociais, bem como promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade foi criada a Política Nacional do Idoso (PNI), conforme regulamenta a Lei nº 8.842/1994 (BRASIL, 1994).

Segundo Cachioni e Palma (2006) para se aceitar a velhice com serenidade, é preciso um processo educativo de aprendizagem, que se inicia na infância, facilitada pela compreensão e pela aceitação do novo *status* do idoso, seja na sociedade, no ambiente de trabalho e/ou na família. De maneira semelhante, Both (2006, p. 1448) reconhece o processo educacional “como um lugar mediador e preventivo da velhice bem-sucedida”.

Neste intento, Krout e Wasyliw (2002) sugerem que o caminho para a quebra de diversos preconceitos em relação à velhice é o da educação, por meio do contato e da convivência entre as gerações. Os autores apontam modificações na concepção de educação entre geração nova e velha, pois é perceptível mudanças dos estilos de trabalho e de vida, acompanhadas por um aumento de autonomia no trabalho entre as gerações, alternadamente imposta e voluntária, bem como contribuição para a auto-formação permanente de cada um.

Vilela, Carvalho e Araújo (2006, p.102) explicam que “é possível ter uma sobrevivência maior, com uma qualidade de vida maior, através da busca do envelhecimento com autonomia e independência, com boa saúde física e mental, enfim, com um envelhecimento bem sucedido”.

A busca da autonomia atrelada ao acesso ao conhecimento – oriundo das instituições educacionais voltadas para as pessoas idosas – suscita no indivíduo idoso a sede de novos saberes que atualizados, produzidos e transmitidos em toda sua potencialidade, poderão favorecer o resgate da auto-estima, desenvolvimento de novas habilidades e o agregar valor às destrezas pré-existentes. Tais benefícios corroborarão para com a melhoria da qualidade de vida não apenas dos indivíduos idosos não institucionalizados, mas também das pessoas que convivem no ambiente do qual ele faz parte e das que os acolherão no processo de (re)inserção social.

Devido ao envelhecimento populacional, a sociedade civil viu-se preocupada em aproveitar o potencial dos idosos e lhes dar a oportunidade de continuarem inseridos no contexto educacional não formal. A partir dos desafios para a terceira idade, constatou-se na criação e na multiplicação das universidades voltadas para a maturidade no país, principalmente na década de 90 em diante. Assim, houve a mudança do papel social das mesmas que *a priori* tinham objetivos voltados para o aspecto intelectual do idoso e para a promoção de sua sociabilidade sem preocupação com a perene assistência educacional e jurídica. Num segundo momento, o foco foi em atividades ligadas ao ensino e na pesquisa. E, posteriormente, acentuou as temáticas da participação, autonomia e integração pautada no campo educacional por meio do oferecimento de cursos acadêmicos formais (RUFINO, 2012).

Em vista das mudanças com o aumento da longevidade, a gerontologia constituiu-se como área de estudo multi e interdisciplinar a partir da segunda metade do século XX. Segundo Doll *et al* (2015, p. 10), em 1976, David A. Peterson definiu a área da gerontologia educacional como “o estudo e a prática de ações educacionais para ou sobre a velhice de indivíduos idosos”. Assim, os estudos e as práticas de ações educacionais estariam voltadas para idosos e consistiria também na preparação de pessoas que pretendem trabalhar com esse público ou que já tivessem essa atividade como ofício.

Freire e Oliveira (2007) relatam que a partir da gerontologia educacional é que foi possível ao idoso maiores oportunidades de sociabilidade, o que acarretou na constituição da primeira Universidade da Maturidade na França, em 1973. O processo de reinserção do idoso em instituições da maturidade, conforme explanou o estudo de Rufino (2012), constatou-se que a partir de práticas educativas pode haver modificações de atitudes, comportamentos e opiniões neste específico grupo. Neste sentido, os autores Lima, Rezende e Rezende (2009) entendem que os grupos de convivência possibilitam aos gerontes oportunidades de socialização, atividades intergeracionais e o resgate da autoestima, o afeto, as emoções e a predisposição do idoso em buscar formas salutares no prolongamento da longevidade.

O contato com um ambiente de ensino-aprendizagem, como no caso das Universidades da Maturidade, tem a pretensão de contribuir para com uma vida participativa bem sucedida em torno dos contextos e ambientes relacionais. Para Sousa e Miranda (2015, p.34),

a conceptualização sobre a educação aponta, ainda, que a integração social, por exemplo, do idoso, é uma das vias para lhes maximizar a autoconfiança, a maturidade, a competência, o bem estar físico, emocional e social, a resiliência e contribuir, de forma positiva para um envelhecimento com uma vida participativa bem sucedida em todos os contextos relacionais.

No âmbito da convivência, as relações sociais familiares e não familiares são fundamentais para o processo de integração das pessoas mais velhas, pois é através dessas relações que estas vivenciam sentimentos de pertencimento, de significado e de *status* social (Palácios, 2004). Como corrobora Erikson (1998), para o bem estar do idoso seria adequado mantê-lo em seu convívio com pessoas conhecidas e no ambiente de costume, ainda que paulatinamente adaptado, a fim de promover a socialização e preservar sua própria história através de práticas da intergeracionalidade.

Um estudo da UNESCO, segundo relatado por Teiga (2012), apresentou os benefícios individuais e sociais da permuta de experiências entre as gerações. Foi constatado que os programas educativos intergeracionais procuram minimizar as perdas do processo de envelhecimento dos indivíduos, promove a inclusão e valorização dos mesmos, desenvolve competências ao nível da transmissão dos conhecimentos, habilidades e valores humanos às outras gerações, bem como viabilizam interações diferenciadas entre faixas etárias distintas.

Alheit (1999) explica sobre a maneira como as trajetórias de vida das pessoas evoluem por meio da interação entre a subjetividade individual e as condições da sociedade. Dessa maneira, a aprendizagem ao longo da vida está relacionada com todas as atividades significativas que a promove, como se pode verificar na Tabela 1:

Tabela 1. Características do processo de aprendizagem ao longo da vida.

Processo de aprendizagem	Característica
- <i>Formal</i>	Ocorrem nas instituições clássicas de educação e formação. Geralmente promovem a qualificação e emitem diplomas reconhecidos.
- <i>Não-formal</i>	Geralmente ocorrem juntamente com os sistemas vigentes de educação e formação (no local de trabalho, em clubes e associações, em iniciativas e atividades da sociedade civil).
- <i>Informal</i>	Não são necessariamente intencionais e são um componente natural da vida cotidiana.

Fonte: Adaptado de Alheit (1999).

Scortegagna (2001) afirma, que a maneira mais saudável de envelhecer é que este processo aconteça de maneira coletiva, já que os seres humanos necessitam de relações sociais e de interações para viver de maneira salutar.

Neste sentido, as universidades específicas para as pessoas idosas tornam-se plenos de significados, tendo como uma de suas principais finalidades, oportunizar a vivência conjunta das atividades, priorizando as ações de acolhimento e de convite ao aprendizado transformador, como no caso da Universidade da Maturidade, na qual “o respeito à autonomia e dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos fazer uns aos outros” (FREIRE, 1996, p.59).

Resultados dos Estudos Mapeados

Para Matos (2018) em sua dissertação buscou analisar como foi conduzido de forma teórica e prática o ensino de Língua Inglesa aos acadêmicos da Universidade da Maturidade (UMA) vinculado

à Universidade Federal do Tocantins (UFT). Dentre as reflexões o autor explana que o passado e o presente necessitam ser latentes no ensino para idosos. A explicação é que quanto mais chegarmos próximos à realidade deles, mais prazeroso e significativo será o seu ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira. Já em relação aos docentes, quanto mais entenderem o universo da gerontologia, melhor será suas práxis. Por fim, sugere que seja necessário o destaque de que o referido estudo é o início de outras investigações que pode se aprofundar no contexto de outras línguas estrangeiras, bem como associar a língua inglesa ao uso das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) pelos idosos.

Investigar crenças e experiências de aprendizagem de língua estrangeira, em especial o inglês, de alunos da terceira idade foi a proposta de Oliveira (2014). O principal resultado desta dissertação foi que o processo de ensino e aprendizagem para turmas que tenham idosos necessitam considerar suas especificidades inerentes a essa faixa etária.

Por sua vez, Silva (2015) investigou o papel do treino de memória na aprendizagem de espanhol como língua estrangeira em alunos da terceira idade. Entre os achados da pesquisa, constatou-se que apesar dos idosos apresentarem mais dificuldades em aprender com efetividade uma língua estrangeira, devido aos declínios normais esperados no envelhecimento de alguns sistemas de memória, se utilizarmos estratégia dos treinos cognitivos voltados à memória, buscase compensar a possível perda dessa importante função cognitiva e, assim, pode-se de certa forma estimular o aprendizado de uma língua estrangeira voltada ao público da gerontologia.

No TCC desenvolvido por Bernardo (2019), o autor buscou compreender os aspectos envolvidos na aprendizagem de língua estrangeira durante o envelhecimento. A conclusão que se chegou é que os idosos buscam a aprendizagem como uma alternativa para se manterem mais saudáveis e ativos, com a proposta de buscar mais conhecimentos, estimulação cognitiva e aumento dos vínculos sociais. Para os idosos, a interação social é um fator benéfico e satisfatório que pode contribuir satisfatoriamente o aprendizado de língua estrangeira. Assim, propõe que as estratégias de ensino-aprendizagem devem ser usadas concomitantemente com estratégias sociais e afetivas.

Já em relação aos artigos científicos mapeados, Menezes (2015) em seu estudo buscou analisar as representações de ensino-aprendizagem de língua inglesa dos alunos da Terceira Idade. Concluiu que existe uma grande expectativa dos idosos em aprender a falar a língua inglesa, o que reforça o sentido de que saber uma língua estrangeira é saber falar essa língua. Embora, verificou-se que além significação atribuída ao falar uma língua estrangeira, essa inserção na oralidade para esses alunos parecer ter uma particularidade própria. Desse modo, foi proposto a adoção da abordagem comunicativa no ensino de línguas para este público. Esta metodologia se caracteriza por ter foco no sentido, no significado e na interação que ocorre entre os sujeitos aprendizes de uma nova língua.

Com a proposta de relatar algumas situações verificadas durante uma experiência de ensino de língua estrangeira, no caso, a língua italiana, para alunos idosos que frequentam a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) de uma universidade pública do interior do estado de São Paulo, Martins (2017) entendeu que no tocante à relação professor e aluno idoso no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira é evidente que a postura do professor perante a língua e a cultura seja significativo para a motivação do discente, bem como para a metodologia como este fará uso da língua em questão, para o desenvolvimento do seu aprendizado, como também para a desconstrução de possíveis estereótipos.

No mesmo ano, Villani (2017) analisou o atendimento da necessidade de um professor de inglês que atuava com alunos com mais de sessenta anos e com muita motivação para aprender a língua alvo. Entre os resultados, constatou-se que dentre os vários motivos que levaram esses alunos à sala de aula para aprender uma língua estrangeira destaca-se a visão da linguagem como instrumento de inclusão. Seria ingênuo imaginar que os discentes idosos frequentaram um curso de inglês para aprender apenas para eles próprios. Assim, infere-se que eles procuraram aprender uma nova língua para que possam ser inclusos na família e, conseqüentemente, na sociedade.

Por último, os autores Doná, Ramos e Pandolfi (2015) investigaram variáveis que influenciam no ensino-aprendizagem de língua estrangeira para a terceira idade a partir do relato de vivências e reflexões teóricas sobre o processo de aquisição da língua espanhola em foco e das novas teorias e enfoques metodológicos no ensino de língua estrangeira. Chegam à conclusão de

que o conhecimento de uma língua enriquece e contribui significativamente para a construção do crescimento pessoal, bem como favorece aos idosos compreender novos valores sob uma perspectiva linguística-cultural ao interagirem com suas histórias e convivências.

Considerações

Neste sentido, a problemática deste estudo está relacionada a necessidade de ouvir mais e atentamente o que tem a dizer os sujeitos protagonistas a quem se propõe a ação, neste caso, os idosos. Assim, os estudos buscaram entender os principais motivos, expectativas e dificuldades no aprendizado de língua estrangeira no contexto da gerontologia, destacando a aplicação da abordagem comunicativa, que se caracteriza por ter o foco no sentido, no significado e na interação que acontece entre os sujeitos aprendizes de uma nova língua.

Os estudos mapeados tiveram foco no ensino da língua inglesa, espanhola e italiana em diversos ambientes de ensino aprendizagem que estão inseridos os idosos, como é nas Universidades da Maturidade.

Entre os principais resultados dos estudos é que reconhecem no fator afetividade um elemento motivador do processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira para o contexto da gerontologia. Com isso, contribui para que os idosos continuem buscando aprender línguas estrangeiras, pois suas principais motivações estão relacionadas ao uso do idioma em viagens ao exterior, por gostar do idioma, para preencher o tempo livre, como um desafio para si mesmo, para expandir os conhecimentos e para manter a saúde, conforme salientou Pizzolatto (1995).

Bella (2007) também corrobora na discussão ao apontar que as instituições de ensino da maturidade, as práticas pedagógicas, os materiais didáticos e a formação docente precisam se organizar para atender satisfatoriamente as demandas dos idosos, no qual está sendo exigidas metodologias adequadas direcionadas as suas expectativas e necessidades específicas.

Outro achado desta revisão bibliométrica é que a principal metodologia de ensino-aprendizagem adotado pelos docentes tem o enfoque na abordagem comunicativa, com atividades lúdicas e conteúdos contextualizados que contribuem satisfatoriamente para o ensino de língua para adultos. Indo nesse encontro, Almeida Filho (1993) ressalta a fundamental importância da escolha de textos, diálogos e exercícios que sejam relevantes para a prática da língua estrangeira que o discente reconhece como experiência válida de formação e no desenvolvimento cognitivo. Compreende-se, então, que na abordagem comunicativa é necessário se atentar a adoção de metodologias que motivam e favoreçam o aprendizado do discente que está inserido no contexto da gerontologia.

Por sua vez, é relevante que os docentes tenham uma postura comunicativa, numa perspectiva que contemple: a) atenção aos diferentes estilos de aprendizagem e às variáveis afetivas; b) esclarecimento sobre o papel de apoio da língua materna na aprendizagem de outras línguas; c) apresentação de temas do universo do discente, em forma de problematização e ação dialógica focalizada no conteúdo dos textos; d) criação de condições para a aprendizagem consciente das regularidades linguísticas, especialmente quando o aluno solicita uma explicação; e) aceitação de exercícios mecânicos de substituição que embasam o uso comunicativo da língua, e, por último, e) o uso de uma terminologia acessível ao grupo (Almeida Filho, 1993). Assim, pode-se notar que o uso dessa abordagem demanda uma postura mais comunicativa por parte do professor.

Na abordagem comunicativa, verifica-se que não apenas os objetivos do ensino-aprendizagem, mas, sobretudo, os discentes e suas necessidades linguísticas ocupam papel central nesse referencial teórico. Para Richter e Balbinot (2001), a dimensão comunicativa se realiza através do ensino por tarefas e baseia-se na proposta de que a aprendizagem de uma língua se dá quando os discentes são orientados pelo docente a usarem a linguagem de forma pragmática para mediar significados para um propósito. Desse modo, constata-se que o uso da abordagem comunicativa no ensino de línguas possibilita com que o discente se envolva mais nas tarefas didáticas, tenha mais liberdade de se expressar e, conseqüentemente, adquira a língua escrita.

Referências

ALHEIT, P. Aprendizagem Biográfica: Dentro do novo discurso da aprendizagem ao longo da vida. In: **Teorias Contemporâneas da Aprendizagem**. Knud Illeris (Org.). Ed. Penso, 2013, p. 138-151.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas, SP: Pontes, 1993.

BELLA, M. A. A. G. D. **O ensino de idiomas para a terceira idade**: Enfoque específico no ensino de língua italiana. 121 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura). Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2007.

BERNARDO, C. P. M. **Aprendizagem em língua estrangeira**: a construção de saberes no envelhecimento. 2018. 28 f. Monografia (Curso de Psicopedagogia), UFPB, João Pessoa/PB, 2018.

BOIANOSKI, C. R; FERNANDES, P. H. C. **O Professor de Língua Inglesa**: Ensinando a Terceira Idade, 2006. Disponível em: <www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/.../docs/CI-104-TC.pdf>. Acessado em 20/07/2018.

BOTH, A. Longevidade e educação: fundamentos e prática. In: FREITAS, E. V. *et al.* (Orgs.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

BRASIL. **Lei nº 8.842, de janeiro de 1994**. Dispõe sobre a Política do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Brasília, 1994.

CACHIONI, M; PALMA, L. S. Educação permanente: perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e idoso. In: FREITAS, E. V. *et al.* (Orgs.). **Tratado geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

CONCEIÇÃO, M. P. Estratégias de aprendizagem e o desafio de aprender uma língua estrangeira na terceira idade. **Letras & Letras**, v.21, n.1, p. 195-218, 2005.

COSTA, M. S; SOUSA, D. N. Regência em língua espanhola: abordagem comunicativa e atividades lúdicas na educação de jovens e adultos. **Revista Integralização Universitária**, v. 11, p. 59-63, 2016.

DOLL, J; RAMOS, A.C; BUAES, C. S. A formação na maturidade como apropriação da própria história de vida. **Educação & Realidade**, v. 40, n. 1, p. 9-15, 2015.

DONÁ, D. C; RAMOS, L. C; PANDOLFI, M. A. O ensino-aprendizagem de espanhol na terceira idade. **Anais do 8º Congresso de Extensão Universitária da UNESP**, 2015.

ERIKSON, E. H. **O ciclo de vida completo**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998.

FOGAÇA, M. C. C. B. H.. A arte de envelhecer. **Revés do Avesso**, v. 10, n.5, p. 65-68, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Freire, I.M; Oliveira, A.C. Formação dos docentes na Universidade de Terceira Idade. **Educere et Educare**, v.2, n.4, p. 177-92, 2007.

JARVIS, P. Aprendendo a ser uma pessoa na sociedade – Aprendendo a ser eu. In: **Teorias Contemporâneas da Aprendizagem**. Knud Illeris (Org.). Ed. Penso, 2013, p. 31-45.

KROUT, J. A; WASYLIW, Z. Infusing gerontology into grades 7-12 social studies curricula. **The Gerontologist**, v. 42, n. 3, pp. 387-391, 2002.

LIMA, J. P.; REZENDE, M. C. M.; REZENDE, M. H. V. Aids na terceira idade: determinantes biopsicossociais. **Estudos**, v. 36, n.1, p.235-253, 2009.

MARTINS, S. C. Relato de uma experiência de ensino de língua italiana para a terceira idade: desconstruindo concepções e arquitetando uma nova visão de mundo. **Trab. linguist. apl.**, Campinas, v. 56, n. 1, p. 117-137, 2017.

MATOS, L. F. P. **Aprendizagem significativa da língua inglesa para velhos**: um estudo de caso na universidade da maturidade polo Palmas, Tocantins. 2018. 97 f. Dissertação (Mestrado em Educação), UFT, Palmas/TO, 2018.

MENEZES, S. F. A oralidade na sala de aula de língua inglesa para a terceira idade: um desafio a ser cumprido. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**, v8, n.1, 2015, p.198-215.

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de Linguística Aplicada**: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

NUNAN, D. **Designing tasks for the communicative classroom**. Cambridge: CUP, 1989.

OLIVEIRA, H. F. **À flor da (terceira) idade**: crenças e experiências de aprendizes idosos de língua estrangeira (inglês). 2014. 189 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)-Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2014.

OXFORD, R. **Language Learning Strategies**. Boston, Heinle & Heinle Publishers. 1990.

PALÁCIOS, J. **Mudança e Desenvolvimento Durante a Idade Adulta e a Velhice**. In: C. COLL, J. PALACIOS; A. MARCHESI (Orgs). **Desenvolvimento Psicológico e Educação Psicologia Evolutiva**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PIZZOLATTO, C. E. **Características da construção do processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira (inglês) com adultos da terceira idade**. 259 f. Dissertação (Mestrado em Linguística aplicada). Unicamp: Campinas/SP, 1995.

RICHTER, M. G.; BALBINOT, M. A abordagem comunicativa na aquisição da linguagem escrita. **Linguagens Cidadania**, v. 06, p. 1-3, 2001.

RUFINO, M. R. D. **Atividade sexual e HIV/AIDS na velhice**: novos desafios para a universidade da terceira idade. 2012. 146 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Brasília: UNB, 2012.

SCORTEGAGNA, H. M. **Vivendo e aprendendo**: Para um envelhecer saudável. Passo Fundo: UPF, 2001.

SILVA, V. C. **O papel do treino de memória no processo de aprendizagem de espanhol como língua estrangeira (E/LE) em alunos da terceira idade (TI)**. 2015. 186 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2015.

SOUSA, C. S.; MIRANDA, F. P. R. A formação na maturidade como apropriação da própria história de vida. **Educação & Realidade**, v. 40, n. 1, p. 33-51, 2015.

SOUSA, R. G. **A aquisição de uma língua estrangeira por idosos como estímulo para a memória**. 2014. 14 f. TCC (Especialização em Ensino de Língua Estrangeira Moderna). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba/PR, 2014.

TEIGA, S. A. M. **Relações intergeracionais e as sociedades envelhecidas**: Envelhecer numa sociedade não Stop – O Território Multigeracional de Lisboa Oriental. 315 f. Dissertação (Mestrado

em Educação social e intervenção comunitária). Instituto Politécnico de Lisboa, 2012.

VALENTE, J. **Aprendizagem continuada ao longo da vida**: o exemplo da terceira idade. In: KACHAR, V. (Org.) Longevidade, um novo desafio para a educação. São Paulo: Ed. Cortez, 2001, p.27-44.

VILELA, A. B. A; CARVALHO, P. A. L; ARAÚJO, R. T. Envelhecimento bem-sucedido: representação de idosos. **Revista Saúde.Com.**, v.2, n.2, p.101-114, 2006.

VILLANI, F. L. A continuidade da aprendizagem de língua estrangeira por idosos: uma contingência do século XXI. **Cadernos de Linguística: Pesquisa em Movimento**, v.7, p.45-60, 2017.

Recebido em 27 de janeiro de 2019.

Aceito em 24 de junho de 2019.